



O ROMANCE POLICIAL DE ENIGMA NA *COLEÇÃO MENINA E MOÇA*: A SÉRIE SIR JERRY

Weslei Roberto Cândido¹

Mirian Hisae Yaegashi Zapone²

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre o gênero romance policial de enigma dentro da *Coleção Menina e Moça*, publicada pela Livraria José Olympio Editora. A pesquisa se baseou em teorias do gênero policial clássico de autores como Sandra Lúcia Reimão, Tzevetan Todorov, Medeiros e Albuquerque entre outros. Para chegar-se à conclusão de que os romances da série Sir Jerry pertencem ao gênero policial, a investigação apoiou-se no estudo de esquemas narrativos próprios dos enredos de enigmas policiais consagrados por Agatha Christie e Arthur Conan Doyle. Desta maneira, foi possível verificar que os romances de Mad. H. Giraud, criadora da personagem Sir Jerry, apropriam-se das mesmas estratégias de composição dos romances policiais de enigma consagrados pelo mercado editorial.

PALAVRAS-CHAVE: Sir Jerry; Romance Policial; Enigma; Coleção Menina e Moça.

ABSTRACT: This article presents a reflection on the novel genre police mystery within the Collection *Menina e Moça* published by José Olympio Bookstore. The research was based on the theories of the crime genre classics of authors like Sandra Lúcia Reimão, Tzevetan Todorov, Medeiros e Albuquerque among others. To arrive at the conclusion that the novels of Sir Jerry series belong to the detective genre, the research was supported on the study of narrative own schemes of plot mystery police consecrated by Agatha Christie and Arthur Conan Doyle. Thus, it was verified that the novels of Mad. H. Giraud, creative character Sir Jerry, is appropriated from de same compositional strategies of crime novels of mystery-honored publishing.

KEYWORDS: Sir Jerry; Detective Novel; Mystery; Collection *Menina e Moça*.

1- O romance policial de enigma e Sir Jerry

O presente artigo pretende analisar dois romances da *Coleção Menina e Moça*, intitulados *O misterioso desaparecimento de Sir Jerry* (1951) e *Sir Jerry detetive* (1964) pela ótica do romance policial de enigma. Em meio a diversos títulos que remetem a histórias de amor, há um conjunto de romances que consagra uma figura detetivesca que é Sir Jerry, o melhor “detetive do mundo”.

Para tanto, antes, definir-se-á alguns parâmetros para a constituição do gênero policial. Sobretudo sobre o romance policial de enigma, o mais tradicional do gênero em questão. Assim,

¹ Doutor em Letras pela UNESP – Professor Adjunto do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da UEM – Universidade Estadual de Maringá – weslei79@gmail.com

² Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP – Professora Associada do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias – UEM – Professora do PLE – Programa de Pós-graduação da UEM – mirianzappone@gmail.com



será mais fácil perceber a ligação dos romances que têm como protagonista Sir Jerry e as narrativas detetivescas que têm como foco desvendar um enigma.

O gênero policial tem suas origens numa forma de composição que alia “ficção, raciocínio e inferências lógicas” (REIMÃO, 1983). A partir desta tríade estão firmados os principais detetives conhecidos da história da novela policial: Dupin, Hercule Poirot e Sherlock Holmes. Todos estes detetives usavam o raciocínio como arma para desvendar os crimes. Percebe-se uma ausência de violência, valorizando-se a capacidade lógica do protagonista em desvendar os enigmas que lhe são oferecidos.

Essa ausência de violência, além de tornar o detetive uma espécie de protagonista imune, livre dos perigos de uma perseguição ou de um tiroteio, interessa a este estudo pelo fato de os romances de Sir Jerry estar voltados a um público juvenil, constituído, em sua maioria, de moças de classe média, portanto, filhas de uma burguesia conservadora que, provavelmente, não gostaria de ver sangue escorrendo pelas páginas narrativas destinadas às meninas.

Voltando, porém, às marcas textuais do gênero romance de enigma, Tzvetan Todorov afirma que:

A primeira história, a do crime, terminou antes de começar a segunda. Mas que acontece na segunda? Pouca coisa. As personagens dessa segunda história, a história do inquérito, não agem, descobrem. Nada lhes pode acontecer: uma regra do gênero postula a imunidade do detetive. Não se pode imaginar Hercule Poirot ou Philo Vance ameaçados por um perigo, atacados, feridos, e ainda menos, mortos. As cento e cinquenta páginas que separam a descoberta do crime da revelação do culpado são consagradas a um lento aprendizado: examina-se indício após indício, pista após pista. (2006, p.96).

Como o romance de enigma postula esta imunidade do detetive, nada melhor que inspirar-se nessa forma para compor um romance juvenil voltado às meninas. Este aspecto narrativo permite também às crianças presentes nos romances de Mad. H. Giraud atuarem como pequenos detetives, auxiliando no desvendamento dos crimes, como se fossem ajudantes de Sir Jerry que, por ser adulto, aventura-se em campo atrás dos bandidos, enquanto os detetives mirins se reúnem quase sempre em casa.

O leitor deste gênero policial partilha das mesmas dúvidas do detetive e segue com ele as pistas que surgem. Destarte, o leitor tem de ser participativo e pensar de maneira lógica em busca dos culpados pelo crime. Como em um jogo de xadrez o leitor passa a construir estratégias para



desvendar o furto, o sequestro ou o desaparecimento de alguém, tornando-se mais um dos auxiliares neste caminho de esconde-esconde construído pelo narrador.

Para Mário Pontes: “A fim de desmascarar criminosos, os detetives continuam a usar, de preferência, a lógica, o cérebro [...]” (2007, p. 26). Desta maneira, os detetives sempre são homens brilhantes, de uma inteligência fenomenal, da qual não pode prescindir a polícia. Então, estes detetives particulares figuram como o motor que move a narrativa, até por que o crime já ocorreu e ambos, investigador e leitor, estão seguindo pistas e analisando probabilidades, o que torna a narrativa lenta e sem tantas ações.

O romance de enigma encontrou em Agatha Christie uma de suas melhores representantes. O detetive Hercule Poirot, criado pela autora, tornou-se um exemplo clássico do investigador que utilizava a massa cinzenta como ferramenta para descobrir os criminosos. Baixinho e sem grandes atributos físicos, Poirot se destacou por sua inteligência e pelo seu modo observador e sereno de conduzir as investigações. A romancista alcançou um grande público com seus romances policiais e consagrou o nome de seu detetive preferido.

De acordo com Ernest Mandel:

La literatura policíaca se convierte en el opio de las "nuevas" clases medias en el sentido estricto de la fórmula original de Marx: como una droga psicológica que distrae de las insostenibles faenas de la vida cotidiana. Al leerlo, la atención queda capturada a tal extremo que se le olvida a uno todo lo demás; ¡y sólo Dios sabe que bien vale la pena olvidarlo! (2003, p.42).

Para o autor em questão os romances policiais se tornam uma verdadeira diversão da nova classe média. Com o aumento do poder financeiro dessa camada social, surgem outras necessidades, como a leitura, a fim de distrair os trabalhadores ou os filhos dessa nova burguesia. Talvez, por isso, a *Coleção Menina e Moça* também dedicou alguns números ao romance de enigma, atendendo assim a um público leitor diferenciado, mas sem deixar de incutir valores de família e valores sociais, uma vez que o ambiente em que se passam as histórias protagonizadas por Sir Jerry é a classe social rica, concentrada em torno da família.

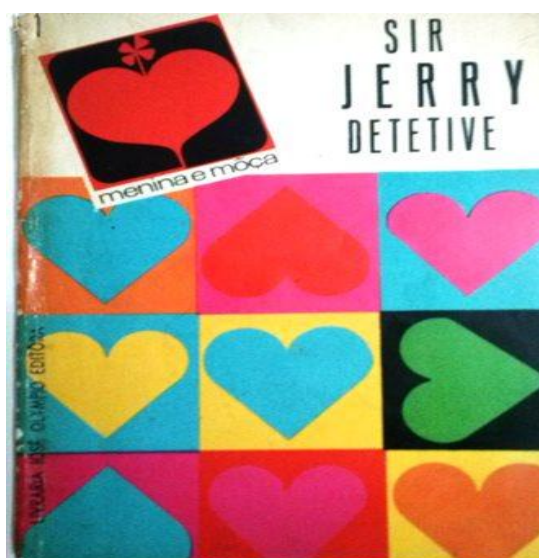
Márcia Cabral ao analisar a capa do catálogo da Livraria José Olympio, que anunciava a *Coleção Menina e Moça*, chamou a atenção para o fato de a família que figurava ali ser representante das classes sociais médias e altas, o que demonstra que a leitura proposta aqui, a partir de Mandel, de que o romance de policial atendia às necessidades de uma nova burguesia e de que os



romances da série Sir Jerry publicados dentro da coleção citada acima se enquadram dentro de uma política burguesa de cunho pedagógico para ensino das moças procede:

Observa-se uma família com características das camadas médias e altas reunida na sala de estar – homem, mulher, menina ou pai, mãe e filha – finamente vestida para a ocasião. Cada qual porta um livro e encontra-se absorto em específica modalidade de leitura - a que ocorre de modo silencioso. A família está desenhada em um mesmo espaço para o ato da leitura, compartilhando modos convencionais em torno daqueles objetos – prática bem pouco familiar aos olhos contemporâneos. Além dos personagens harmonicamente reunidos, sublinha-se o lugar de destaque ocupado pelo objeto livro. Tal como o vaso de flores, o quadro e a cortina pendurados na parede, os livros não se encontram ali apenas para serem lidos. Encadernados em percalina vermelha, inscrição em material dourado, esses objetos sugerem requinte e status social para os seus portadores. Na direção dos estudos de Bourdieu, é possível identificar na imagem marcas identificadoras de capital simbólico por intermédio da posse dos livros e do ambiente requintado que se dão a ver (Bourdieu, 2003). Ao associá-los à menina e à mulher, chamam a atenção o modo recatado e os ornamentos em seus corpos que as aproximam bastante da imobilidade dos objetos decorativos da casa. (2010, p. 94).

O gênero policial de enigma postulado para os romances de Mad. H. Giraud enquadra-se dentro desta política de formação da menina e da moça burguesas. Até mesmo a capa de *Sir Jerry Detetive* (1964) nada tem que aponte para a violência, mas justamente o contrário: a capa está repleta de corações de diversas cores. O romance não apresenta uma história de amor, mas tampouco de violência, o desvendar do enigma é mais uma tarefa mental do que de ação propriamente dita.





Paulo Medeiros e Albuquerque afirma que o romance policial é uma variante do romance de aventuras, por isso Sherlock Holmes e Poirot não eram apenas detetives cerebrais, mas em alguns momentos realizavam proezas. Desta maneira, pode-se analisar os romances em que figuram Sir Jerry como dentro desta classificação de policial, pois em geral, aos momentos que antecedem o desvendamento do crime o detetive em questão age de forma mais viril, prendendo os bandidos.

No entanto, a maior parte da narrativa permite caracterizar os romances de Giraud como próprios do gênero policial clássico, ou seja, o de enigma:

O herói do romance policial chega à solução pela inteligência, e nunca usando a força e somente a força. Esta, algumas vezes, entra no quadro geral do romance, mas apenas como um detalhe adicional e secundário. A inteligência é tudo ou, pelo menos, o fator principal. (MEDEIROS E ALBUQUERQUE, 1979, p.6).

Sir Jerry é o detetive mais cerebral, assim como seu filho, que segue seus passos. Há todo um percurso mental realizado ao longo da narrativa que leva à prisão dos bandidos. Por ser um romance policial de enigma permite a participação também das crianças que estão presentes na narrativa, atuando dentro dela como auxiliares do detetive adulto, sem que com isso se firam ou corram risco de morte.

2- Sir Jerry “o melhor detetive do mundo”

Sir Jerry é um detetive particular que dá nome a vários romances publicados na *Coleção Menina e Moça*, da Livraria José Olympio. Embora, a maioria dos romances tenha um fundo formador do caráter feminino, reservou-se uma parte das publicações para o romance policial de enigma, dentro do formato mais tradicional desse gênero literário.

Assim, foram publicados os seguintes títulos: *Sir Jerry Detetive* (1964), *As Estranhas Férias de Sir Jerry* (1954), *Sir Jerry na Bretanha* (1965), *A perigosa Missão do Capitão Jerry* (1948), *O Misterioso Desaparecimento de Sir Jerry* (1951) e *O Inevitável Sir Jerry* (1954). Estes romances estão muito próximo daquilo que se pode chamar de romance de aventuras, até porque envolve personagens entre 5 e 13 anos, entre eles, o próprio filho do detetive que também se chama Jerry.

Porém, o conteúdo ameno das histórias permite enquadrá-las numa espécie de gênero policial infanto-juvenil, em que a personagem Sir Jerry pouco aparece, ficando mais a cargo de



seu filho, o pequeno Jerry, as investigações dos crimes ou mistérios que surgem ao longo da narrativa.

O fato dos crimes já terem acontecido ou serem pequenos furtos, favorece o romance policial de enigma, no qual o detetive atua mais como um sujeito que desvenda os crimes por meio de processos mentais do que se envolve em cenas violentas. Provavelmente, por ser uma coleção voltada para as meninas e as moças, o gênero policial de enigma teve mais sucesso e, socialmente, tornou-se mais aceito pelos pais.

De acordo com Sandra Lúcia Reimão:

A denominação romance de enigma nos parece perfeita, pois, de fato, esse gênero policial parte sempre de um enigma. Sua gênese, seu ponto de partida é sempre uma dada situação de enigma. O enigma atua, então, como desencadeante da narrativa e a busca de sua solução, a elucidação, o explicar o enigma, o transformar o enigma em um não-enigma é o motor que impulsiona e mantém a narrativa; quando se esclarece o enigma, se encerra a narrativa. (1983, p.11).

Os romances em que aparece a personagem Sir Jerry sempre giram em torno a um enigma. Ao desvendar o mesmo, a narrativa se encerra com um típico *happy end*, estabelecendo novamente a ordem e a paz em família. É importante ressaltar que esses enigmas, em geral, surgem no seio familiar ou, então, partem dele e da relação que a família de detetives tem com o local onde estão.

Desta maneira, não se rompe a hierarquia familiar. Na ausência de Sir Jerry pai, alguém mais velho cuida dos filhos ou sobrinhos, como é o caso de Lady Belle, e o filho mais velho Jerry que cuida da irmã menor, comandando-os nas aventuras e na investigação dos crimes ocorridos.

Dentro desta hierarquia as aventuras mais fortes ficam por conta de Sir Jerry, que se disfarça, enfrenta os bandidos de frente, é corajoso e de porte físico atlético. Enquanto isso, o pequeno Jerry comanda as investigações junto aos irmãos e primos; em algumas ocasiões também faz parte da estratégia de investigação de seu pai, garantindo a presença dos Jerrys em dois lugares ao mesmo tempo.

Segundo Alessandra Oliveira dos Santos Beltramim em sua dissertação de Mestrado intitulada: *Representações de mulher na Coleção Menina e Moça e em best sellers juvenis contemporâneos: a formação de leitoras mirins*:

Entre os mistérios a serem desvendados pelo infalível detetive, encontramos temáticas relativamente amplas, incluindo raptos de crianças (GIRAUD, 1954),



roubo de joias, falsos sequestros, identificação e prisão de quadrilhas de bandidos inimigos da nação francesa em situações de guerra, entre outros. No entanto, como Sir Jerry é um profissional muito dedicado ao seu trabalho, observa-se um forte envolvimento dele e de seus filhos com os seus clientes que, na maioria das vezes, são vítimas de ladrões e malfeitores. Assim, as tramas também propiciam o desenvolvimento de relações afetivas e o estabelecimento de vínculos entre as personagens, possibilitando a apresentação de ações das personagens, também, no âmbito doméstico e familiar. (2013, p.97).

Como se pode observar pelos comentários acima, o ambiente familiar sempre está presente nas aventuras de Sir Jerry. Isto é importante, pois estes romances sendo parte da *Coleção Menina e Moça* não deixam de enfatizar a importância da família, do papel do pai e das pessoas mais velhas na formação das crianças. Desta maneira, todos se envolvem, em certa medida, nas investigações, participando ativamente do desvendamento do enigma, que se resolve quase sempre nas reuniões familiares entre os pequenos heróis, Lady Belle, Lorde Armster e até mesmo Sir Jerry.

Uma dessas reuniões acontece no romance *Sir Jerry detetive* quando o colar de pérolas de Tia Belle desaparece. Após o almoço, ela se reúne com os seus sobrinhos para decidir o que fazer com Mérrouji, sendo dela a palavra final:

Vocês são todos muito bonzinhos e eu lhes quero um grande bem, disse tia Belle rindo-se. O que precisam é ter mais confiança em minha amizade e também no meu coração, que é suficientemente grande para que eu ceda um lugarzinho nele a quem o merece, sem prejudicar vocês. E agora, se quisermos ser bem sucedidos nesta extraordinária história, teremos que mostrar que somos os mais fortes e, sobretudo não dar a perceber nossos planos. (1964, p.19).

Além das decisões serem tomadas no âmbito familiar, as crianças estão em férias, o que justifica o fato de elas não estarem na escola, mas apenas brincando o dia todo. Deste modo, também podem se dedicar a decifrar os enigmas, quase como se brincassem de detetives.

No entanto, há pequenas diferenças entre o romance de enigma tradicional descrito por Reimão e os romances em que Sir Jerry atua como detetive. Para a pesquisadora a narrativa policial de enigma se caracteriza por apresentar:

[...] a primeira história (a do crime) não estando imediatamente presente no livro, as investigações (e a narrativa) começam após o crime, presente na narrativa através da narração dos personagens diretamente envolvidos nele; a segunda história (a do inquérito ou investigação) é o espaço onde os



personagens, especialmente o detetive e o narrador, não agem, mas simplesmente detectam e investigam uma ação já consumada. (1983, p. 23-24).

Nos romances em que o herói é Sir Jerry, as narrativas apresentam a investigação após o crime consumado, portanto, a narrativa dá conta de apresentar ao leitor os passos para desvendar o crime, porém acrescenta uma dose de aventura a fim de dar maior emoção ao enredo, principalmente no momento em que se está para pôr as mãos nos bandidos. Isso faz destas histórias um misto de romance de enigma e aventura policial.

Sir Jerry ainda conta com o acaso. No episódio em que Lady Belle deixa seu colar de pérolas negras na joalheria, por coincidência o detetive estava por lá e percebeu a má intenção de um comerciante indiano que esperava pela avaliação de algumas joias:

Não sei explicar por que, algo nas maneiras daquele oriental lhe havia inspirado desconfiança.

- Foi o instinto de detetive! Aparteou Dick, rindo-se.

- Sem dúvida, tornou Sir Jerry. Não pretendo entrar em grandes pormenores. Quero apenas contar-lhes que o detetive em questão não tardou a tomar conhecimento dos termos de um telegrama passado a um hindu em Bombaim e que dizia apenas isto: “Colar encontrado. Embarque o quanto antes.” (GIRAUD, 1964, p.96-97).

Mesmo sem dar a conhecer aos ouvintes os detalhes de seu procedimento, o detetive, agora na posição de narrador, mostra que tem seus métodos e segue seu instinto. No caso em questão, ele pôde intervir naquilo que ainda viria a ser a tentativa de roubo das pérolas indianas de Tia Belle.

Outro detalhe nos romances protagonizados por Sir Jerry é a consciência de seu filho Jerry de que também é um detetive. O menino tem orgulho da profissão do pai e quer seguir os mesmos passos. No romance *Misterioso desaparecimento de Sir Jerry* (1951), Jerry filho afirma: “Eu julgava que na nossa profissão (e Jerry pronunciou esta palavra com indizível orgulho) não devêssemos preocupar-nos com perigos pessoais.” (GIRAUD, 1951, p. 130).

Ainda no mesmo romance, o menino Jerry procura pensar como o pai detetive: “Acho que Jerry tem razão. Ele está substituindo papai, e se papai estivesse aqui iria procurar descobrir o paradeiro do dono de David. Lydie não precisa preocupar-se comigo. Papai sempre colocou o dever acima de tudo.” (GIRAUD, 1951, p. 84).



O pensamento do menino demonstra que a profissão de detetive é vista como algo digno, em que o dever está acima de tudo. Além disso, as amizades de Sir Jerry ao longo da narrativa são com pessoas da alta classe social, o que demonstra o quanto o detetive era bem relacionado.

O leitor também encontra em *O Misterioso Desaparecimento de Sir Jerry* uma nota de jornal, das páginas policiais, que relata o crime e mostra o quanto o detetive é conhecido pelo seu trabalho:

ECOS DO ASSALTO AOS CASTELOS DE KERLAIN E D'AMBORRE

A despeito de todos os esforços, os investigadores perdem a pista dos ladrões no próprio parque dos castelos assaltados.

As vítimas desses sensacionais roubos apelariam a Sir Jerry. (GIRAUD, 1951, p.125).

Os crimes sensacionais esperam por um detetive como Sir Jerry, capaz de desvendar o mistério dos assaltos aos castelos. A polícia já perdeu a pista, mas o detetive ao qual o jornal se refere tem esse poder. Isso mostra a fama alcançada por esse profissional, que não tem ligação com a polícia, mas tem os meios adequados para chegar aos bandidos. O leitor está, portanto, diante de um típico romance policial de enigma.

Em *Sir Jerry Detetive* o pequeno Jerry se vê obrigado a usar um disfarce de detetive. Na ausência de seu pai que, na verdade, já está investigando o caso sem que ninguém saiba, o menino assume a identidade de Sir Jerry e se apresenta em Belle Maison, a casa dos Amrsters, onde ocorrera o sumiço das joias de tia Belle.

Ao ser questionado por um dos personagens sobre quem fora seu professor, o pequeno Jerry para ocultar seu pai, afirma que Sherlock Holmes o ensinou:

- Quem foi o seu professor, Sir Jerry? Indagou Philippe com certa indiscrição.

Sir Jerry ergueu de tal forma a cabeça que seu nariz adquiriu um ar de grande petulância, deixando por alguns minutos de assemelhar-se ao nariz de um velho.

- Sherlock Holmes, respondeu muito sério e um tanto rispidamente. (GIRAUD, 1964, p. 57-57).

A figura de Sherlock remete diretamente ao romance policial de enigma. Um romance mais cerebral, em que o detetive segue as pistas deixadas pelo bandido. O episódio acima ocorre quando o falso Sir Jerry pede a Lady Belle que reconstitua passo a passo as circunstâncias do desaparecimento do colar de pérolas. Seu método é o de tomar notas de todos os



acontecimentos. Mesmo sendo um impostor, o menino encena como se fosse um detetive de verdade.

Jerry também auxilia seu pai a desvendar outro crime no romance *O Misterioso Desaparecimento de Sir Jerry*. O instinto de detetive fala mais alto, o que leva o menino a assumir a postura que seu pai tomaria caso soubesse do mistério do desaparecimento do dono do castelo:

Quis obedecer papai, procurei não mais pensar em mistérios e não ver nem mesmo aquilo que me saltava aos olhos. Mas esta noite, depois que me deitei, lembrei-me de que talvez o ex-dono de David, esse homem que aqui todos parecem estimar tanto, estivesse correndo algum perigo e que papai seria o primeiro em ordenar-me que investigasse o caso. (GIRAUD, 1951, p. 47).

Como se percebe Sir Jerry e sua família estão cercados de mistérios, desaparecimentos, roubos e sequestros. Esta situação cria o ambiente propício para o desenrolar do romance policial de enigma. Por isso, os protagonistas sempre são Sir Jerry – o pai – e seu filho – também chamado Jerry – que são os detetives da história. Assim, cumprem-se duas exigências do gênero enigma: a presença do detetive e a existência de um crime a ser desvendado.

Nota-se, portanto, a partir desta leitura e dos fragmentos citados dos romances protagonizados por Sir Jerry, presentes na *Coleção Menina e Moça*, um subgênero que se pode chamar de romance policial de enigma. Toda a narrativa gira em torno de um mistério a ser desvendado, mantendo o leitor em suspenso na busca pela solução do evento.

As próprias marcas textuais autorizam esta leitura. Em alguns momentos há referência direta às histórias policiais:

Sir Jerry pedia aos filhos para aproveitarem bem as férias, para se divertirem o mais que lhes fosse possível e insistia com Jerry para que não fosse descobrir alguma *história policial para ele ter que deslindar* [grifo nosso]. (GIRAUD, 1951, p. 25).

O detetive já conhece seu filho mais velho. Sabe que o menino sempre está em busca de algum crime, de algum mistério para resolver. No entanto, sabe que são crianças e têm de se divertir, por isso insiste que Jerry não se meta em nenhuma história policial.

O romance, porém, apresenta as investigações policiais como uma diversão para as crianças. Para Jerry, Mérouji e Pépin investigar é parte das aventuras infantis, todos se apresentam como pequenos detetives, fazendo inferências, usando a lógica e tentando pensar como Sir Jerry



agiria na situação em que eles estão vivendo. Além disso, sabem que quando as aventuras se tornarem perigosas demais, podem contar com o pai para deslindar a história policial.

3- Sir Jerry e Hercule Poirot – o papel do último capítulo

O último capítulo assume um papel primordial na narrativa policial de enigma. Nesta parte do romance o leitor toma conhecimento de todas as estratégias do detetive. Também, acompanha minuciosamente cada passo dos criminosos e como as pistas os denunciaram.

Em geral, o detetive, neste momento, assume o papel de narrador e lança luz sobre todas as situações que ao longo da narrativa estavam obscuras. O leitor que se questionava como o detetive havia chegado às conclusões e prendido os bandidos, tem a oportunidade desvendar o crime e os procedimentos do herói no romance; no caso, o detetive.

Os romances da série Sir Jerry, que compõe a *Coleção Menina e Moça*, mais uma vez se aproximam muito das novelas policiais de Agatha Christie. Em ambas narrativas o capítulo final possui o mesmo esquema textual. A começar pelo título: em *Sir Jerry Detetive* tem-se: “Mais um capítulo de explicações – o último felizmente” e em *O misterioso caso de Styles*, “Poirot explica”.

De acordo com o Tzevetan Todorov (2006), o romance policial de enigma está composto por uma forma espacial, na qual o último capítulo exerce a função reveladora. Após todas as intrigas, pistas falsas, prisões e ações do detetive, explicam-se ao leitor os procedimentos adotados durante a investigação, até mesmo porque eles garantiram, ao longo da narrativa, lances incríveis de atuação do detetive.

Outro detalhe fundamental está na maneira como o texto é narrado. O foco narrativo muda radicalmente. Agora quem narra é o próprio detetive, ele assume o domínio da história e com um tom professoral desvenda a todos os narratários presentes como chegou à solução do enigma.

No capítulo “Poirot explica”, de *O Misterioso caso de Styles*, o amigo do detetive, que até agora havia narrado a história, muda a postura e passa a questionar Poirot, dando a ele a oportunidade de narrar os fatos:

- Ainda estou um pouco confuso, sem saber exatamente como o crime foi cometido.
- *Bon!* Vou reconstituir os fatos para você, na medida do possível. Estou propenso a acreditar que foi a Srta. Howard quem tramou tudo. Lembra-se de



que ela disse em certa ocasião que o pai tinha sido médico? Possivelmente ela aviava as receitas para o pai. Ou então tirou a ideia de um dos muitos livros de medicina que Mademoiselle Cynthia usou para prestar os exames de admissão no hospital. Seja como for, ela sabia que a adição de um brometo a uma mistura de estircnina faria com que o veneno precipitasse. Possivelmente a ideia ocorreu-lhe de maneira súbita. A Sra. Inglethorp possuía uma caixa com pó de brometo, que tomava de vez em quando, sempre à noite. (CHRISTIE, 2006, p. 186).

Poirot começa a reconstituir os fatos, assume o discurso e explica a seu fiel amigo Hastings como chegou às conclusões sobre quem era o assassino da Sra. Inglethorp. A partir deste momento, o detetive detém o poder de revelar todo o percurso dos criminosos até cometerem o assassinato.

Na outra etapa das explicações, Poirot apresenta seu esquema de deduções lógicas. Vasos de plantas, comportamentos estranhos, paixões não reveladas, construções de álibis, tudo o que pode dar alguma pista sobre os criminosos é relacionado pelo detetive, a fim de que narratário e leitor possam compreender a mente detetivesca:

Perdoe-me, *mon ami*, mas não compreendeu nada. Eu estava procurando decidir se devia ou não inocentar John Cavendish imediatamente. Poderia tê-lo inocentado naquele momento, embora isso pudesse resultar na impunidade dos verdadeiros criminosos. Os dois ignoravam inteiramente as minhas suspeitas, até o último instante.... o que explica em parte meu sucesso. (CHRISTIE, 2006, p. 194).

Este é o momento de o detetive corrigir as falsas inferências feitas pelo leitor durante a narrativa. Para isso, Poirot detalha passo a passo suas atitudes, suas estratégias de investigação, mostrando que havia uma lógica em cada postura dele para chegar aos criminosos.

O procedimento narrativo é muito semelhante em alguns romances de Mad. H. Giraud. Em *Sir Jerry Detetive*, o capítulo das explicações também é o último e o detetive é quem se torna o narrador da história. Sir Jerry que até ali existia praticamente de ser citado, toma as rédeas do discurso narrativo e explica seu procedimento investigativo e como chegou ao criminoso:

O detetive ficou um pouco hesitante, sem saber se devia ou não prevenir o amigo do perigo que ameaçava a joia de sua esposa. Mas via diante de si uma oportunidade única de prender o ladrão. Sua honra de detetive estava em jogo. De mais a mais, acabava de regressar da Índia, de onde trouxera sua filhinha, e viera reunir-se ao seu filho, que fazia seus estudos. Havia muitos anos que não



via o amigo e não teve dificuldades em obter todas as informações que desejava a respeito dele.

Nesse ponto da narrativa Sir Jerry fez uma pausa e olhou para seus ouvintes. Agrupados à sua volta todos ouviam, como que fascinados, sem perder uma só palavra daquela espantosa história. (GIRAUD, 1964, p. 96).

A diferença entre a forma de narrar de Poirot e a de Sir Jerry está no fato deste assumir a terceira pessoa, como se não fosse ele mesmo o protagonista da história. Em vez de assumir o papel de um narrador homodiegético, prefere o foco narrativo em terceira pessoa. No entanto, cabe ao detetive Sir Jerry explicar cada momento que ficou em nebulosa na mente das personagens e dos leitores, que também precisam de informações para desvendar o crime.

Além disso, percebe-se que Sir Jerry tem o prazer de assumir o papel de contador de histórias e ser o centro das atenções. Pode-se ver no fragmento acima que o detetive suspende a narrativa para contemplar seu público fascinado por tantas informações da “espantosa história”.

Sir Jerry se diferencia de Poirot por usar disfarces em suas investigações. Como o detetive criado por Mad. H. Giraud é ativo, tem porte atlético e é relativamente jovem, pode participar mais ativamente das perseguições. Assim, Sir Jerry é uma mistura de detetive cerebral com um investigador que aprecia a ação:

Mas Sir Jerry também desceu na próxima estação, tomou o primeiro trem em sentido inverso e durante o trajeto trocou o disfarce de camponês e transformou-se numa senhora respeitável, mas lepidíssima para a idade que aparentava, pois no dia seguinte conseguiu apanhar o mesmo trem em que Makhario, mais furibundo que nunca, embarcara. (GIRAUD, 1964, p. 100).

Desta maneira, o detetive explica como perseguiu e não perdeu de vista o ladrão de joias. Para tanto, lançou mão de disfarces diversos e pôde acompanhar os passos do criminoso sem se fazer percebido. A estratégia narrativa de Sir Jerry de usar a terceira pessoa, transformando ele mesmo em um herói de histórias de ação, explica-se pelo fato de ter como ouvintes muitas crianças e não só adultos; diferentemente de Poirot que narra seus métodos investigativos a Hastings. Assim, Jerry atrai mais a atenção das crianças que, como já se verificou, ouviam fascinadas as aventuras do detetive que estava ali à frente delas.

Após ter todos os detalhes do crime e dos procedimentos dos detetives desvendados, ambas as histórias, a de Christie e a de Giraud, restauram a situação de equilíbrio e as personagens podem comemorar. Poirot e Hastings programam uma caça e tia Belle pretende



“comemorar com um piquenique o feliz desfecho de todos os mistérios que tanto nos preocuparam [...]” (GIRAUD, 1964, p. 104).

Percebe-se por meio destas comparações que o romance de Giraud segue as receitas da narrativa policial de enigma. Até o esquema narrativo é o mesmo, reservando-se para o último capítulo as explicações necessárias para a compreensão do mistério. A novidade dos romances da série Sir Jerry é a participação das crianças, inclusive do filho do detetive que ajuda o pai a investigar os crimes.

4- Considerações finais

Ao longo deste artigo procurou-se mostrar como o gênero romance policial de enigma se adapta à *Coleção Menina e Moça*, publicada pela Editora José Olympio entre as décadas de 1930 e 1960.

Os romances protagonizados pelo detetive Sir Jerry chamou a atenção por se constituir numa espécie de sub-gênero publicado em meio aos romances que tinham como alvo a educação da moças de família burguesa.

No entanto, ao se analisar alguns destes romances, percebe-se que o ambiente familiar é mantido, a classe social dos protagonistas se assemelha à classe burguesa dos leitores e não há cenas violentas, adaptando-se muito bem ao público ao qual se dirige.

Desta maneira, pode-se concluir que o romance policial de enigma, inspirado em autores como Agatha Christie e Arthur Conan Doyle, é uma forma literária aceitável dentro da coleção *Menina e Moça*, uma vez que foca-se mais no trabalho de inquérito, da investigação de pistas e evidências do que em cenas de violência.

A proposta de desvendar o crime por processos mentais e pelo raciocínio lógico poderia cansar o público juvenil. Porém, os romances de Giraud inserem uma gama de aventuras, nas quais as personagens mirins participam ativamente da investigação, fazendo-se eles mesmos investigadores. A casa, no caso, a “Belle Maison” de tia Belle, converte-se num espaço de aventuras e descobertas para o grupo infantil que aproveita os mistérios para brincar de detetives.

Enquanto isso, a investigação principal fica por conta do detetive Sir Jerry. O desvendamento do crime e a chegada, sempre muito esperada, do detetive traz à ordem o ambiente de harmonia que fora desestabilizado pela presença de um crime.



Enfim, por meio de algumas teorias sobre o romance policial de enigma, chegou-se à conclusão de que os romances protagonizados por Sir Jerry podem ser enquadrados dentro deste gênero, com um pequeno acréscimo de episódios de aventuras. A pertinência dos romances policiais de enigma na *Coleção Menina e Moça* se dá pelo próprio esquema narrativo deste tipo clássico do romance policial.

Referências Bibliográficas.

- ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros e. *O mundo emocionante do romance policial*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
- BELTRAMIM, Alessandra Oliveira dos Santos. *Representações de mulher na Coleção Menina e Moça e em best sellers juvenis contemporâneos: a formação de leitoras mirins*. Dissertação de Mestrado. Maringá, 2013, 253 f.
- CHRISTIE, Agatha. *O misterioso caso de Styles*. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.
- GIRAUD, Mad. H. *Sir Jerry Detetive*. Trad. de Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1964.
- _____. *O misterioso desaparecimento de Sir Jerry*. 2ed. Trad. de Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.
- MANDEL, Ernest. Sociología de la novela negra. In LINK, DANIEL (org.) *El juego de los cantos. Literatura Policial: de Edgar A. Poe a P. D. James*. Buenos Aires: Editora La Marca, 2003.
- PONTES, Mario. *Elementares*. Notas sobre a história da literatura policial. Rio de Janeiro: Odisseia Editorial, 2007.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance policial*. 2ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- SILVA, Márcia Cabral da. A COLEÇÃO MENINA E MOÇA: entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário. In *Currículo sem fronteiras*. Vol. 10, n. 2. pp. 91-105, 2010.
- TODOROV, Tzevetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

